

ANÁLISE PRAXIOLÓGICA DAS DECISÕES MOTRIZES DO ATACANTE E DO GOLEIRO DURANTE O TIRO DE SETE METROS NO HANDEBOL

Ribas, J.F.M; Rigo, M. E.; Rodrigues, M.M.; Zibell, J.V.

Universidade Federal De Santa Maria

Resumo

Neste artigo buscaremos analisar o tiro de sete metros do handebol com alicerce nas teorias praxiológicas examinando as possibilidades de atuação das perspectivas do goleiro e atacante quando ambos são postos em situação de confronto. Realizou-se uma revisão bibliográfica procurando esclarecer concepções sobre o tema. O arremesso de 7m se caracteriza como uma situação sociomotriz de oposição, configurado em um confronto de um jogador contra o outro individualmente (1v1). Por ser um lance rápido, a leitura da situação se faz ideal na tentativa de ludibriar e prever o adversário. Os praxemas, que são os resultados, em comportamentos motores, das tomadas de decisão feitas pelos jogadores. Como resultado, podemos concluir que a teoria praxiológica consegue esclarecer a situação e nos permite identificar que a leitura de praxemas se faz ideal para obtenção de sucesso do jogador.

Palavras chave: Handebol, Praxiologia Motriz, arremesso de sete metros.

INTRODUÇÃO

Desde a sua origem nas culturas antigas os esportes sofreram modificações até se tornarem as modalidades que hoje conhecemos. Segundo Elias e Dunning, autores citados por Martins & Altmann (2007), existem mais diferenças do que semelhanças entre os esportes modernos e os esportes tradicionais antigos.

O handebol, desde a sua criação no século XIX, também sofreu mudanças até se tornar o esporte olímpico que conhecemos hoje. Tentar identificar especificamente onde se obteve seu surgimento é uma tarefa um tanto quanto complexa tendo em vista que diversos autores pontuam locais diferentes. Dentre todas as versões existentes sobre sua história a mais difundida relata a sua criação na Dinamarca no ano de 1897 tendo seu avanço em 1910 impulsionado pela Dinamarca, Alemanha e Suécia (Andres, 2014).

Uma das versões da criação do handebol é que essa modalidade inaugurou através da iniciativa de dois professores de Educação Física alemães sendo eles Max Heisen e Karl Schllenz (Nagy-Kungsaygy, 1983; Silva, 1983; Vinhas, 1988; Tenroller, 2004 apud Andres, 2014). O jogo era composto por duas equipes em campos, como os de futebol, com onze jogadores (as) cada. Suas medidas eram 80m X 40m para homens e 40m X 20m para as mulheres (Silva, 2006 *apud* Andres, 2014). O handebol de campo teve como seu ápice quando teve sua primeira e única participação em um evento de grande relevância, que foi os Jogos Olímpicos de Berlim em 1936 (Andres, 2014).

Atualmente, o Handebol de Salão, ou mais conhecido como Handebol, é jogado em uma quadra com sete jogadores por equipe podendo contar com até sete jogadores como reservas em competições oficiais. Esse número pode variar de acordo com o campeonato, podendo conter mais jogadores conforme o regulamento do mesmo. As quadras possuem a dimensão de 40m de comprimento e 20m de largura, compostas por dois arcos (Andres, 2014).

No Brasil essa modalidade começou a se fazer presente apenas no estado de São Paulo a partir do ano de 1930 logo após 1º Guerra Mundial através de imigrantes alemães, sendo Emil Shemehlin conhecido como o pioneiro da modalidade campo (Andres, 2014). A modalidade só conseguiu se expandir para demais estados a partir da década de 60 do século passado com o professor Augusto Listello que concedeu um curso para outros educadores dando ênfase na parte pedagógica da modalidade (Andres, 2014).

Após esses acontecimentos relevantes para a modalidade, o Handebol começou a ser praticado principalmente no âmbito escolar em todos os estados brasileiros e se efetivou como uma prática desportiva em 1971, quando o Ministério da Educação e Cultura introduziu esse esporte nos Jogos Estudantis Brasileiros - JEB's e nos Jogos Universitários Brasileiros - JUB's (Andres, 2014).

Se considerarmos os esportes através de uma visão mais sistematizada constatamos que os jogos envolvem situações bem mais complexas do que aquilo que enxergamos do lado de fora da quadra. Para isso é importante utilizarmos critérios mais científicos de uma teoria de jogo, no nosso caso, a teoria da “Praxiologia Motriz” que teve como idealizador o francês Pierre Parlebas. professor e sociólogo francês, Parlebas vem construindo os suportes dessa teoria e foi responsável pela criação da obra mais importante denominada “Jeux, Sports et Sociétés” publicada em 1999 onde reúne as

principais ideias da área em forma de léxico. Este material, principal referência desse estudo, foi traduzido para o espanhol e publicado em 2001 (Riibas, 2008).

Atualmente, a Espanha é responsável pelos principais debates sobre a área já que possui uma quantidade significativa de pesquisadores resultando em grandes produções acadêmicas. Esta teoria é entendida como o estudo da lógica interna dos jogos e esportes a partir das regras ou normas de funcionamento. Sendo assim, a função dos elementos de análise dessa teoria é desvendar o mundo dos jogos e esportes com base na compreensão da essência da lógica interna, representadas pelas ações motrizes que são manifestadas conforme descreve Ribas (2008).

A Praxiologia Motriz consiste numa teoria que instrumentaliza o professor/pesquisador, possibilitando assim o melhor entendimento dessas manifestações corporais. O primeiro instrumento que nos ajuda a compreender melhor o handebol se trata de uma classificação para os jogos e esportes como passo inicial para desvelar a lógica interna. A lógica interna é correspondente a dinâmica que se estabelece no interior dos jogos e esportes, e a lógica externa se refere ao entorno ou contexto das situações motrizes (Parlebas, 2001).

O sistema de classificação (CAI) consiste em critérios de sistematização das manifestações de jogos e esportes que considera o entorno físico e as interações dos participantes, no caso, de cooperação ou/e oposição. Considerando o segundo critério, pode-se dividir em dois grupos: psicomotrizes, que são as situações que não apresentam interação e sociomotrizes, na qual existem situações que possibilitam interações entre os participantes, de cooperação e/ou oposição. Com isso, as sociomotrizes são desdobradas em três grupos: cooperação; oposição e cooperação-oposição. Em relação ao outro critério, meio de prática, os jogos e esportes podem ser desenvolvidos em um meio estável, ou seja, o ambiente não coloca qualquer incerteza ao praticante, ou podem ser em meio instável, na qual o praticante possui a incerteza sobre o ambiente e implica que o praticante tome decisões relacionadas ao meio antes de agir, havendo a necessidade de interpretar constantemente o espaço de ação. Ao mesclarmos o primeiro critério (meio físico) com o segundo critério (interação) Parlebas (2001) propõe oito grupos de manifestações corporais, conforme figura abaixo.

devido as teorias clássicas serem nessa língua. Não foi delimitado um parâmetro cronológico durante as pesquisas.

PRÁXIOLOGIA MOTRIZ E AS CARACTERÍSTICAS DO HANDEBOL

Quando falamos sobre Handebol sob uma visão praxiológica, caracterizamos um jogo em que as interações de oposição e cooperação ocorrem simultaneamente. Isto é, duas equipes em confronto pela busca de posse de bola através de movimentos específicos que giram em torno da lógica interna do jogo, ou seja, pelas suas regras. (Brasil, 2018). De acordo com o sistema de classificação (CAI), as interações presentes na modalidade são classificadas como sociomotrizas (interações de oposição e cooperação) e em meio estável (entorno físico não interfere nas tomadas de decisões). O principal objetivo do Handebol é marcar gols (ataque) e evitar que o adversário faça o mesmo (defesa).

A todo momento no jogo de Handebol, devido as suas interações, ocorrem comportamentos e atitudes dos participantes que é possível de se observar, como as comunicações estabelecidas entre companheiros e adversários. Para melhor explicar essas relações, apresentamos a *comunicação práxica*. Segundo Ribas (2014, p.35) “*Comunicação práxica* diz respeito à interação motriz essencial, ou seja, às interações motrizes instrumentais entre os participantes, caracterizando como fenômeno maior na tarefa motriz”. Nesse conceito, o autor explica que, no Handebol mais importante que ter uma técnica perfeita de arremesso, é saber como chegar em uma boa situação de ataque para enfim executar esse movimento refinado.

Nesse mesmo sentido, segundo Parlebas (2001), a comunicação práxica pode ser em direta (comunicação e contracomunicação) e indireta (gestema e praxema). A *comunicação práxica* direta pode ser entendida também como as interações de cooperação e oposição que ocorrem ao longo da partida. Ou seja, existe uma situação simultânea em que os companheiros de equipe devem estabelecer a melhor relação possível para alcançarem o objetivo (fazer o gol e evitar tomar) opondo-se a um adversário que tentará impedir que isso advenha. Nunca essas relações vão se dar separadas ‘primeiro vamos cooperar e depois opor-se’. Todas as ações motrizes dependem dos companheiros e adversários, e sempre geram situações aleatórias dentro do jogo.

Os gestemas e praxemas são formas de comunicações indiretas gestuais e corporais que ocorrem no decorrer da partida. Os gestemas são gestos com a intenção de

facilitar as tomadas de decisões dos participantes. Por exemplo, quando o pivô levanta o braço para pedir a bola ou sinalizar para o armador um passe lateral, quicado, pelo alto. Deve-se tomar cuidado, pois os gestemas podem indicar ao adversário qual jogada será feita, chamamos isto de unívocos. Praxemas dizem respeito as leituras corporais feitas tanto em companheiros quanto nos adversários, estas leituras podem ser feitas conhecendo as características de cada jogador. Exemplificando na modalidade, podemos fazer a leitura corporal dos companheiros de equipe no engajamento, tendo o objetivo de acertar o tempo de bola para sempre se deslocar em movimento na direção do gol. Isso se modifica em relação ao adversário, pois as leituras corporais vão servir para antecipar e prever as jogadas do time oposto.

Por fim e não menos importante, vamos apresentar os papéis e subpapéis que os participantes irão submeter-se em uma partida de Handebol. A divisão feita por Ribas (2014) é feita da seguinte forma: *jogador com a bola*, *jogador sem a bola com a equipe que tem a posse*, *jogador sem a bola com a equipe sem a posse*. Tudo isso implica em decisões motrizes que ocorrem devido a lógica interna do jogo, ou seja, pelas suas regras.

- *jogador com a bola*: poderá passar, driblar, arremessar, progredir com a bola, realizar fintas, cometer infrações, perder a bola etc.
- *jogador sem a bola com a equipe que tem a posse*: desmarcar-se, ocupar espaço vazio, fazer bloqueios, pedir a bola, cometer infrações, ampliar ou reduzir espaços etc.
- *jogador sem a bola com a equipe sem a posse*: defender, ocupar espaço, ampliar ou reduzir espaços, fazer falta, receber falta, dar combate, roubar a bola etc.

Neste texto iremos tratar de desvelar um pouco mais o handebol considerando uma teoria do jogo, no caso, a Praxiologia Motriz. Os instrumentos apresentados por esta teoria possibilitam o aprofundamento na essência dessa manifestação corporal, indicando novos entendimentos e, conseqüentemente, novos caminhos para o ensino esportivo. Neste texto iremos fazer um recorte dessa modalidade esportiva ao analisarmos a situação de sete metros, momento em que o finalizador realiza a leitura do goleiro para buscar o êxito na ação. Do outro lado, o goleiro também realiza a leitura do atacante e busca tentar evitar o gol, processo denominado de contracomunicação.

ANÁLISE PRAXIOLÓGICA DO TIRO DE SETE METROS

Ao analisar o Handebol pelas lentes da Praxiologia Motriz, caracterizamos o mesmo como uma prática sociomotriz de cooperação-oposição em que o entorno físico é estável. Considerando essa característica, pode-se afirmar que durante uma partida dessa modalidade o jogador se comunicará e tomara decisões baseadas nas leituras das ações de seus companheiros de time, bem como dos seus adversários. Considerando o outro critério do sistema CAI, meio de prática, esta modalidade é realizada em meio estável, elucidado por Ribas (2008, p. 86) como “um meio regular, sem incerteza, portanto domesticado {...}”. Neste caso, o participante do jogo não necessitará considerar as mudanças no ambiente para tomar suas decisões e realizar suas ações motrizes no jogo.

O tiro de sete metros (7m) do handebol é muito parecido com o pênalti do futebol, mudando apenas as ações motrizes que a regra do jogo impõe. Ele se caracteriza como a pena máxima, compensando uma falta causada em eminente oportunidade de gol, ou, caso o jogador defenda, fazendo contato direto com o jogador de ataque ou com a bola, dentro da área do goleiro que pelo regulamento, apenas o arqueiro pode permanecer. Olmedo, Espina-Agullo e Manchado (2017) mostram que o 7m tem 76,7% de efetividade, sendo maior até que o contra-ataque (71,1%).

Após a falta ser marcada, ocasionando o tiro de 7m, o jogador responsável por arremessar se posicionará atrás de uma linha que se distância há sete metros do gol, mantendo o pé de apoio (contrário ao braço de arremesso) no chão fixamente durante o ato de arremesso, não sendo permitido pela regra encostar ou transpassar a linha. O goleiro permanece posicionado defendendo a meta, tem a possibilidade de adiantar – se até quatro metros a frente do gol, onde uma linha indica a distância para auxílio dos juízes.

Durante o jogo, existem diferentes situações em que o goleiro interage defensivamente (oposição). A primeira delas é o arremesso de “9 metros” (nome popularmente conhecido), caracterizado por um atacante arremessando sobre a barreira dos defensores, se distanciando normalmente 10m a 8m do arco. Esse, por ser mais distante, proporciona um maior tempo de deslocamento da bola ao gol, ocasionando mais tempo a ação do arqueiro, onde ele visualiza, lê o trajeto e age motoramente. Já, no contra-ataque, no arremesso de 7m e em situações em que o atacante supera a defesa e penetra saltando a área, essa distância é menor e o goleiro tem menos tempo para agir.

O tempo de visualização da bola é diretamente ligado à distância em que o atacante arremessa ao arco. É caracterizado pela ação do goleiro sensorialmente ver, desde a preparação do atacante para o arremesso, com a bola ainda em seu domínio, até

a mesma sair do contato com a mão, no final do ato de arremesso, deslocando – se em direção à sua meta. Um tempo maior de visualização possibilita mais tempo para os defensores de linha agirem e tentem interceptar a bola.

No arremesso de 7m os goleiros tem menos tempo de visualização da bola, por isso tentam ler os praxemas do atacante, sendo menos eficaz esperar para ver a bola e agir devido a velocidade da bola ser muito rápida. Espina-Aguilló et al (2016) explicam que os goleiros interceptam a bola tomando decisões antes do tiro, cobrindo espaços com diferentes segmentos corporais. Nessa interação dos atacantes buscarão ler o goleiro para tomar sua decisão e agir. Nos arremessos de 9 metros a leitura de praxemas não se faz tão importante, visto que o maior tempo de visualização da bola possibilita mais tempo a ação do goleiro, assim se torna eficaz esperar e se basear na leitura da direção da bola.

No momento específico do arremesso de 7m, fundamentado pelo Sistema de Classificação (CAI), ele se torna uma situação sociomotriz de oposição, sendo um confronto isolado do restante do jogo de um atacante e o goleiro. Ao esclarecer isso, percebemos que a leitura de jogo se torna a “chave do confronto”. Não é eficaz para o atacante arremessar a bola o mais forte possível sem interpretar as ações do goleiro, sendo muitas vezes mais vantajoso utilizar o arremesso por cobertura, com efeito ou com menos força.

Tomando como base a PM, a ideia de comunicação práxica indireta se vê claramente na situação do arremesso de 7m, especificamente o praxema, o atacante e o goleiro observarão um ao outro e agirão conforme essa leitura. Durante o ato, existe a tentativa de ludibriar o adversário, ao realizar uma finta, os jogadores emitirão um praxema causando um equívoco na antecipação do adversário em relação a ação motriz realizada (Oliveira; Ribas; Gomes-da-Silva, 2018). Por exemplo, o goleiro pode deixar um lado do arco mais aberto ao atacante, que ao perceber isso pode direcionar seu arremesso naquela direção e o arqueiro antecipe a ação motriz do seu adversário.

Ao focalizarmos nas decisões do atacante durante o arremesso de 7m, nota – se que a primeira análise feita pelo jogador é o posicionamento do goleiro em relação a meta, ele pode estar: centralizado; fixado em cima da linha; adiantando em cima da linha dos 4 metros; deslocado lateralmente, muitas vezes sendo ideal optar em arremesso por cobertura ou utilizando a “rosca”. As características físicas do goleiro também devem ser levadas em consideração. Sua estatura e envergadura permitem deduzir seu alcance e se existe desvantagem física em relação ao arremessador, podendo ser utilizado para um chute mais fácil.

É importante que o arremessador tenha variação para o 7m. No handebol de alto rendimento essa função é frequentemente atrelada aos pontas, pois esses utilizam diferentes recursos para vencer o goleiro na sua posição, onde também depende de uma leitura do goleiro e não apenas de força, normalmente arremessam de uma distância menor que 6m do arqueiro. O arremessador também deve dificultar ao máximo a leitura do braço do goleiro, escondendo o mesmo atrás do seu tronco, diminuindo o tempo de visualização da bola do goleiro e sempre fintando a direção do seu arremesso com o punho, pois a leitura principal do goleiro é decorrente do movimento do tronco e braço do arremessador. Por exemplo, o atacante pode movimentar seu braço mais longe do corpo, buscando ganhar maior ângulo e ao final do movimento de arremesso, apenas com o punho, direciona a bola a lado contrário à abertura feita. Normalmente os jogadores de ataque, após o apito do árbitro, utilizam a finta de braço na primeira tentativa de arremate ao gol, permitindo ler a resposta inicial do goleiro, desequilibrando – o muitas vezes, assim ele rapidamente finaliza aproveitando a instabilidade do goleiro.

Na visão do goleiro, se utiliza muito as informações geradas por scouts feitos previamente à partida. Ao entrar em quadra, os possíveis batedores de sete metros já têm a ideia do arremesso mais frequente do batedor oficial de 7m. Utiliza – se muito também, no alto rendimento, a troca do goleiro para defesa do arremate, causando mais uma incerteza ao atacante, pois ele estava contracomunicando com o outro goleiro durante a partida.

O guarda – redes também deve utilizar variações de posicionamento, se adiantando ou permanecendo na linha, pode oferecer um lado ao atacante, normalmente o lado contrário ao que diz o Scout, ou seja, o lado que o arremessador tem menor média de gols. A leitura da estatura e envergadura que o goleiro faz do seu opositor também permite decidir se irá de adiantar mais a frente ou permanecerá na linha do gol.

Desse modo, podemos compreender que o sucesso no confronto entre os jogadores no arremesso de 7m diverge principalmente do entendimento das leituras de jogo, principalmente a praxêmica. Ter conhecimento disso mostra que o treinamento ou de ensino dessa ação do jogo deve se pautar principalmente na tomada de decisão e não apenas na técnica.

CONCLUSÃO

A construção e as modificações acontecidas ao decorrer dos anos até o Handebol tornar-se modalidade olímpica, possibilita um vasto estudo sobre esse desporto.

Escolhemos a PM para tal análise pois acreditamos que esse referencial teórico é de fundamental importância para o entendimento do esporte em si e conseqüentemente do tiro de sete metros.

Vale ressaltar que apesar das possibilidades de análise de ambos os participantes da situação apresentada neste trabalho, existem diversas outras não comentadas que podem ser manifestadas de acordo com o nível de experiência dos jogadores.

Dessa maneira, a partir das pesquisas realizadas, definimos o esporte como uma prática sociomotriz de cooperação-oposição em um entorno físico estável. Já a situação de 7 metros que pode estar presente em uma partida é uma situação sociomotriz somente de oposição entre dois jogadores e o sucesso do confronto está vinculado diretamente com a capacidade de leitura praxêmica dos jogadores.

REFERÊNCIAS

- Andres, S. de S. (2014). Mulheres e handbol no Rio Grande Do Sul: narrativas sobre o processo de profissionalização da modalidade das atletas. 2014. 99 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano) – Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, POA.
- Brasil, I. B. G. (2018). Diálogo entre a Praxiologia Motriz e o ensino do handebol. *Acciónmotriz*.
- Espina-Agullo, J., Pérez-Turpin, J., Jiménez-Olmedo, J., Penichet-Tomás, A., & PUEO, B. Effectiveness of Male Handball Goalkeepers: A historical overview 1982-2012. *International Journal of Performance Analysis in Sport*, 16(1): 143-156. 2016
- Jimenéz-Olmedo, J.M., Espina-Agullo, J.J., & Manchad, C. Análisis histórico de la efectividad de los lanzamientos a portería de balonmano masculino. *Universidade de Alicante, Espanha, Retos*, n. 32, p. 228-232, 2017.
- Martins, C. J.; Altman, H. (2007). Características do Esporte Moderno segundo Elias e Dunning. Campinas – SP. X Simpósio Internacional Processo Civilizador.
- Oliveira, D. M. C. de. et al. (2012). A sistematização do handebol e as contribuições da praxiologia motriz nas aulas de educação física escolar. *Coleção Pesquisa em Educação Física*.

- Oliveira, R.V; Ribas, J.F.M; Gomes-Da-Silva, P.N.(2008). Relação entre o praxema e as interações motrizes: implicações nos processos de leitura de jogo e tomada de decisão nos jogos esportivos. Pensar a Prática, Goiânia, v. 21, n. 2, abr./jun.
- Parlebas, P. Juegos, Deporte Y Sociedad: Léxico De Praxiologia Motriz. Barcelona: Paidotribo, 2001.
- Ribas, J. F. M. (2010). Praxiologia Motriz: instrumentalizando a prática pedagógica para o ensino dos esportes coletivos. Motriz, Rio Claro.
- Ribas, J. F. M. (2008) Jogos e Esportes: fundamentos e reflexões da Praxiologia Motriz. Santa Maria: Ed. da UFSM,